



# Olga Roriz: “O meu corpo não sabe o que é um dia sem dor”



Este é um ano de números redondos: 60 de vida, 40 de carreira e 20 da sua companhia. Pretexto para recordar os movimentos de uma menina que começou a dançar assim que deu os primeiros passos e se tornou numa das mais importantes coreógrafas portuguesas. Entrevista de vida

**CULTURA**

04.02.2015 às 16h10





1 / 9



Olga Roriz

**O**lga Roriz diz que não é de fazer balanços. À retrospectiva que celebra os 40 anos de carreira e os 20 da sua companhia, prefere vê-la como uma iniciativa virada para o futuro. Este ano, vai remontar várias das suas coreografias, criadas entre 1996 e 2014, mas mais importante do que a nostalgia é dá-las a conhecer a quem nunca as viu e permitir que outros corpos as dance. Foi o que aconteceu em dezembro passado, com Os Olhos de Gulay Cabbar, o solo que ia voltar a interpretar 14 anos depois, mas que, por razões de saúde, se viu impedida de dançar. Por ordens médicas, está em “paragem forçada” e não sabe ainda se poderá voltar aos palcos.

Mas a menina que, há quase 60 anos, nasceu bailarina, não se inibe: “Vou eventualmente encontrar outro sítio, outras coisas.”

### **Desanima-a esta celebração ocorrer numa altura em que não está bem fisicamente?**

Já tive muitos altos e baixos. Fiz a estreia d’A Sagração da Primavera [2013] à base de muitas injeções, foi muito duro. Não é que viva em sofrimento todo o tempo, mas o meu corpo não sabe o que é um dia em que não tenha uma dor. Sempre tive um corpo disciplinado de uma maneira mais ou menos natural, com mais ou menos esforço. E já não vou para nova...

### **Vê isto como a traição de um corpo que sempre tratou bem?**

Os meus movimentos, sobretudo nos solos, são violentíssimos. Sei que nunca mais poderei dançar A Sagração da Primavera. Os médicos já me disseram: “Esqueça!” Estreei-me como solista do Ballet Gulbenkian em Leiria, no Teatro José Lúcio da Silva e foi ali que dancei a última vez A Sagração... Não acredito muito nestes ciclos, mas achei tão lindo. Ainda por cima,



numa peça em que a vítima dança até à morte, uau! Se foi mesmo a última vez que dancei – mas duvido, tenho é que arranjar uma outra dança -, é bonito.

### **Foi doloroso não poder dançar Os Olhos de Gulay Cabbar, em dezembro?**

Foi, claro. Uma coisa é dizer “não quero mais”, outra é ser obrigada. Por outro lado, a possibilidade de passar esse legado tão privado para outro intérprete é muito bom. A Marta Lobato Faria foi a pessoa certa, pelo seu lado duro e muito sensível, pelo seu lado masculino-feminino, que eu também tenho.

### **Mas ainda há pouco disse que duvida que deixe de dançar...**

Coisas que sejam violentas não voltarei a dançar. Mas não é tanto isso que me preocupa. Como criadora, já fiz peças em que quase não me levantei. Para criar, estou atrás de uma mesa a escrever. Vou eventualmente encontrar outro sítio, outras coisas... Não é algo que me cause depressão. Tenho uma grande capacidade de tornar o negativo em positivo. Apesar de também ser um bocadinho negra. Mas há uma coisa que me faz sempre feliz: recriar-me diariamente numa ideia, numa frase, numa coisa que escrevo, numa coisa que penso, em algo que projeto.

### **É verdade que já tem uma coreografia para quando não puder dançar, em que estará sempre sentada numa cadeira?**

É uma imagem forte e continua lá. Mas estou a falar daqui a 20 anos! [Risos.] Continuo a não saber o que é que aos 80 não vou poder mexer: será a parte de cima, será a de baixo?

### **Costuma dizer que já nasceu bailarina, mas também já nasceu coreógrafa, por isso, não ficará parada.**

Sim, nasci. Quando perguntei à minha mãe quem é que fazia as danças para os bailarinos e ela me respondeu “são os coreógrafos”, respondi “quero ser isso”, sem sequer conseguir pronunciar a palavra. Devia ter uns três ou quatro anos.

### **O que é isso de se nascer bailarina e coreógrafa?**

O meu modo de comunicar sempre foi pelo movimento, pelo corpo, pelo pulsar... Sempre fui calada e tímida, mas com o corpo não.

### **Mesmo que deixe de dançar continuará bailarina?**

Sim, serei bailarina até... sempre. A falta de contacto com o público talvez me faça falta, mas também me estou a ver a resolver isso. Pelo cinema, por exemplo. Tenho uma série de projetos como criadora que pulsam e que não me deixam cair na conversa da coitadinha, isso não existe na minha cabeça. Às vezes confesso que já me custava: acabava A Sagração a pensar

“tirem-me daqui!”... Mas também era bom, aquele poder é fantástico. Os médicos dizem que há uma parte d'A Sagração que é, para o meu corpo, como ter vários acidentes de carro.

**Mesmo nascida bailarina e coreógrafa, não foi uma loucura os seus pais terem seguido o instinto da professora que, aos 3 anos, disse que a Olga devia estudar dança? Mudou-se de Viana do Castelo para Lisboa!**

Tive a sorte de ter uma professora que tinha ido fazer um curso à Suíça e que tinha um método de trabalho diferente. A minha mãe contava que ela dizia aos meninos que se dormissem a sesta, a Olguinha dançava... A minha mãe era muito virada para as artes e viu em mim um alter-ego. E o meu pai era muito sensível. Desenhador de barcos, foi um dos sócios-fundadores dos Estaleiros de Viana do Castelo, e também desenhava os móveis lá de casa. Acreditaram naquilo. Deixaram a casa de Viana do Castelo, o meu pai mudou-se para um apartamento lá, e eu, a minha mãe e a minha irmã para um em Lisboa. O meu pai vinha a Lisboa todos os fins de semana. Era uma lua de mel constante para a minha mãe, o casal ficou eternamente feliz, e para nós era o Pai Natal com tudo o que trazia do Norte. A minha mãe, na capital, ia muito ao cinema, ao teatro, aos fados, conhecia os artistas... Vinha de uma família de fotógrafos que tinham posto a filha a estudar, por isso, estava preparada e, em Lisboa, sempre estive satisfeita e ativa.

**Não sentiu o peso da responsabilidade?**

Nunca me deram a entender isso. Também nunca tiveram razão para o fazer, sempre fui muito disciplinada. Nunca me cobraram. Aquilo era o que eu queria fazer. Foi engraçado: vim da província, onde tinha uma casinha com um jardimzinho, para uma selva, porque vivíamos em frente ao Jardim Zoológico, e falava com os animais. A escola era do lado de lá, o colégio inglês Príncipe Carlos e Princesa Ana. Comecei o ballet com a madame Georgette, e muito rapidamente passei a ter aulas com a Margarida de Abreu que, quando eu tinha oito anos, me recomendou que fosse para o São Carlos.

**A entrada no Centro de Estudos de Dança do Teatro São Carlos foi um mundo novo que se abriu?**

Sim, a começar por aquela mestra maravilhosa que era a Anna Ivanova. Eu era a mais nova na altura e fiquei lá até aos 18 anos. Deu-me umas bases maravilhosas. Estar dentro de um teatro de ópera foi incrível, por tudo o que conheci e todos os espetáculos em que participei. Fazia parte da casa e podia andar sempre por ali.

**Isso contribuiu para a ideia de espetáculo total que sempre teve?**



Influenciou-me muito. A partir de certa altura foi muito claro porque é que a minha dança era do homem e da mulher reais e não do homem e mulher etéreos. O meu contacto foi com a ópera, com o teatro (a que a minha mãe também me levava muito), com esses personagens, a vida, os amores, os conflitos... A partir dos dez anos, também entrava naquelas óperas, a dançar, ao lado da Montserrat Caballé e outros. Estreei-me a fazer de Joana D'Arc.

### **No meio disso tudo, houve tempo para ter uma infância e adolescência normais?**

Não, o meu conto de fadas não estava nos livrinhos que lia à noite, eu vivia o conto de fadas. E vestia coisas de princesa, era lindo. A partir de certa altura, e sendo uma mulher apaixonada, queria ter namorados e a minha mãe era muito rígida, porque era uma grande responsabilidade estar em Lisboa sozinha com duas meninas. Não havia dia em que não me fosse levar e buscar ao Teatro São Carlos. A parte dos namoros foi confusa. Mas a partir dos oito anos, eu sabia que o que mais queria era dançar.

### **Mas foi mãe muito cedo.**

Fui mãe ainda durante o Conservatório [para onde foi em 1974]. Fui às aulas e dancei até ao dia de ter a minha filha, mas depois tive que parar três ou quatro meses...


### **Foi fácil conciliar dança e maternidade?**

Não, foi uma disrupção complicada. Com o pai da minha filha houve uma separação quase imediata, porque ele pensava que eu ia deixar de dançar. Em 15 minutos percebi que a pessoa com quem me tinha casado não me conhecia. Essa criança, que era uma coisa maravilhosa, não podia ser punida dessa forma. E teria sido se eu tivesse deixado de dançar. Hoje, a minha filha diz-me: “Ainda bem que percorreste o teu caminho e que és a mãe de que me orgulho.” Mas foi duro e perdi a minha filha durante muitos anos. Víamo-nos de vez em quando só... até tudo se conciliar e passarmos os natais juntos e estar tudo bem [risos].

### **Nem considerou deixar de dançar?**

De maneira nenhuma. Felizmente tive o privilégio de ir pouco depois para o Ballet Gulbenkian, o melhor sítio do País para se poder ter uma profissão destas. E rapidamente passei a ser independente.

### **A dança esteve sempre à frente de tudo?**

Ela já estava, nunca tive que a pôr à frente de nada. Não sonhava ser bailarina, já era. Aquilo era a minha vida. As outras coisas é que não eram a minha vida, e tinham que se encaixar.  Sempre foi assim. Até hoje.

## **Mas sempre fez outras coisas: escrever, fotografar...**

Sim, percebi que tinha uma grande influência da família da minha mãe em que eram todos fotógrafos. Lembro-me de passar os três meses de férias em Viana do Castelo, com o nariz em cima das tinas no laboratório de fotografia do meu avô. A minha mãe pintava as fotografias e retocava as chapas. E eu pintava, desenhava, escrevia, tenho muitos diários... Isso ajudou-me muito.

## **Como entrou no Ballet Gulbenkian?**

Cheguei a fazer peças para o Ballet ainda antes de ser bailarina deles. Fiz a audição, em 1976, já com o Jorge Salaviza, e entrei como estagiária. Uma das coisas importantes era a relação próxima que tínhamos com os coreógrafos que ali iam.

## **Mas ainda demorou uns anos a ganhar coragem para começar a coreografar no Ballet Gulbenkian.**

No Conservatório já estava sempre a coreografar, mas era outra coisa. Entrei no Ballet Gulbenkian como intérprete. E numa companhia contemporânea, o paraíso. Mas os ateliês coreográficos intimidavam-me. O auditório impunha respeito, eu era uma estagiária [risos]). Foi só com a entrada do bailarino Gagik Ismaily, que também tinha vontade de coreografar mas também não tinha 100% de coragem, que nos juntámos e fizemos duas ou três coreografias. Até perceber que já conseguia fazer sozinha. E fiz aquela que considero a minha primeira coreografia independente, Três Canções de Nina Hagen [1983]. Acho que é o princípio da minha carreira e é a súpula. Dali vem a seta até agora, não tenho dúvida nenhuma.

## **Como foi naquela altura ser uma jovem mulher, coreógrafa, com novas ideias? Sentia que estava a romper com o que existia?**

Na altura não se sente nada disso, fazemos aquilo que queremos fazer. Mas sentia-me um bocadinho enfant terrible. Quando quis fazer uma coreografia com canções da Nina Hagen, o Jorge Salaviza, que é o meu grande padrinho, disse: “Punk rock alemão aqui?! Não, vamos procurar outra música...” E veio com uma coisa do Lopes-Graça, de que não gostei nada. “Está bem, faço isto, mas posso fazer também a Nina Hagen?”, disse-lhe. E fiz, em dois dias, porque ele não me deu mais tempo. É incrível, uma coreografia que foi depois o bilhete de identidade do Ballet Gulbenkian durante anos e anos. Aquilo era tão preciso para mim.

## **Tudo isso no turbilhão dos anos 80.**

Grandes anos 80. Na dança, em Portugal, foi incrível. As minhas memórias são de muito trabalho. A Gulbenkian deu-me uma estaleca muito grande. Com a idade que tinha, mulher, coreógrafa, não podia chorar, tinha que ter certas coisas que, na verdade, não tinha. Chegava



a casa e pensava: “Eu disse aquilo, mas será que é assim mesmo?” Depois, no culminar desse processo, em 1988, já era a coreógrafa principal, já só dançava os meus solos.

### **E nunca mais perdeu essa necessidade de fazer solos.**

Descobri que nos meus solos inventava outras coisas. A par do São Carlos, foi outro dos meus grandes momentos de conhecimento, em que aprendi muito sobre mim. Foram importantíssimos para me encontrar. Situações Goldberg [1990] talvez seja um daqueles que ainda possa fazer...

### **Foi logo às primeiras coreografias que veio aquela comparação que a tem aborrecido ao longo dos anos: com Pina Bausch.**

A primeira vez que ouvi essa comparação foi numa conferência do [José] Sasportes, em que falava da Pina Bausch e de repente começa a falar de uma nova coreógrafa do Ballet Gulbenkian da mesma linha do expressionismo alemão, e diz o meu nome. E eu: “Mas o que é isto do expressionismo alemão? Ele está a dizer que eu sou o quê?!” [Risos.] Nunca tinha visto nada dela. A primeira vez que a vi foi já depois de ter feito as minhas peças mais emblemáticas no Ballet Gulbenkian, e isso até me tranquiliza. Mas houve duas ou três pessoas mazinhas, com insinuações. Houve até uma polémica no YouTube onde diziam que eu tinha copiado o Vollmond da Pina Bausch no Pedro e Inês [2003]. Fui ver e a coreografia dela tinha sido feita três anos depois da minha! Essa comparação incomodou-me até a conhecer. Estive com ela, jantei com a família dela, e percebi como era aquela senhora, o que procurava. E fez-me sentido aquela mulher. Foi ela própria que apaziguou esse desconforto e acho isso lindo.

### **Quando sentiu que estava na hora de sair do Ballet Gulbenkian?**

Quando comecei a fazer os solos e a perceber que queria trabalhar de outra forma. Mas não houve rutura. Coincidiu com o convite para ser diretora da Companhia de Dança de Lisboa, que fui reabrir. Ainda hoje podia lá estar, não teria precisado de criar a minha companhia, mas a parte administrativa não funcionava bem e saí um ano e meio depois, com três peças fortíssimas feitas. Passei um ano financiada por mim, até criar a companhia em 1995.

### **Foi nessa altura que voltou a ser mãe?**

A Sara nasceu estava eu ainda no Ballet Gulbenkian. Foi diferente da primeira vez. Estava com o Nuno Carinhas, éramos a família perfeita [risos].

### **Como tem sido vê-la agora a crescer como Sara Carinhas, atriz e encenadora?**



Ela sempre acompanhou os nossos ensaios, meus e do Nuno, a vida dela foi dentro do Teatro D. Maria II, da Gulbenkian e por aí fora... Teve horas de Eunice Muñoz [risos] e de Lúcia Jorge...



Não teve grande formação no sentido da escola, mas teve uma sorte que poucos já devem ter neste país: viu tudo, falámos de tudo. O pai a puxar mais para a literatura, eu para o cinema. Quando estou a trabalhar numa peça mas não consigo avançar, geralmente é à Sara que falo. O verbalizar e explicar-lhe, ajuda. É engraçado descobrir com ela o que estou a fazer. Isso também me acontece com a minha filha mais velha, a Olga, que vive em Londres mas vem cá muitas vezes.

### **Quando começou a dançar e a coreografar também fazia isso com os seus pais?**

A minha mãe sempre foi muito fascinada pelo meu trabalho, não deixando de ser crítica. O meu pai teve glaucoma e já morreu bastante cego, mas sempre teve tempo para me ouvir e ficávamos imenso tempo a falar.


### **Chegou a dedicar-lhes coreografias.**

Ao meu pai, Terra de Ninguém [1985], com 32 cores, a tentar perceber se ele via aquelas cores todas. Foi o último espetáculo que viu. E Nortada [2008], sobre Viana do Castelo, foi dedicada aos dois.

### **Sempre levou os afetos para as coreografias.**

Isso é a minha essência. Sou a pessoa dos afetos, mas acho que ao mesmo tempo nunca me esqueci do homem e da mulher social, sobretudo a partir do trabalho com a minha companhia e de peças como Propriedade Privada [1996]. Há, nas minhas coreografias, coisas violentas, outras mais dramáticas, algumas tragédias também... A certa altura há uma procura de um lado mais poético e triste, e depois do absurdo e do humor. Às tantas tudo se torna uma amálgama de coisas que vêm e que vão, talvez pela experiência. Percebe-se que as coisas não são tão complicadas quanto isso; ou são completamente indizíveis e inalcançáveis, mas que isso faz parte.

### **Tem coreografias preferidas?**

Sim, ou partes de algumas... E há um solo que só foi filmado para a televisão, Casta Diva [1994]. Foi o momento alto da minha carreira como intérprete, não tenho dúvida. Foi um momento muito especial. O Rui Esteves convidou-me para fazer um solo, no estúdio da Tobis, com mais árias de Bellini do que a versão que já tinha feito no Ballet Gulbenkian. Fui para o estúdio, pus a Callas durante cinco minutos e disse: “Não vou coreografar isto, não é possível.” Foi emocionalmente tão forte que comecei a chorar. Decidi que ia improvisar. Foi assim a semana inteira. Quem vê não acredita que é improvisação. Mesmo na Gulbenkian sempre fui escolhida  como a potente, a agressiva. E ali está o meu lado mais sensível, sentido, dramático, poético. É



bonito. Gosto muito da tristeza num espetáculo, é um sentimento que me toca muito, um dos mais bonitos.

### **Não sendo de fazer balanços, é de fazer planos?**

Sim, claro. Um dos planos que me impus fazer é o do ensino da dança, que a mudança da companhia para o Palácio Pancas Palha me possibilitou. O For Dance Theatre já vai no segundo ano, é um curso de dois anos, à imagem do meu método, com um elenco de professores que conhece o meu trabalho. Gostaria de o internacionalizar. Mas avançando com tranquilidade. Sou muito calma e cautelosa, o meu percurso sempre foi feito degrau a degrau. Mas está tudo muito bem alicerçado, tenho boas raízes e isso é meio caminho para uma pessoa não se perder, com os pés bem assentes na terra por mais que o coração possa estar não sei onde.

### **Mesmo que não volte a dançar, terá muito que fazer...**

Muitíssimo. E a dançar estou sempre: a minha cabeça e o meu corpo dançam constantemente.

**Palavras-chave:** Roriz olga

## **PRECISAMOS DE SI: ASSINE!**

ASSINE A VISÃO, PAPEL OU DIGITAL, E RECEBA O SACO DO RICARDO ARAÚJO PEREIRA. **A PARTIR DE €1,60 POR SEMANA.**

**ASSINE**

## **CAPA DA EDIÇÃO**

**EDIÇÃO 1418**

## **MAIS VISTOS**



**1** Afinal, quanto tempo sobrevive o coronavírus no organismo?

- 
- 2** Se pensa que o pior já passou, está enganado
- 
- 3** Covid-19: Há cada vez mais pessoas a sofrer de “Achoquetivedite”
- 
- 4** Qual é o erro de português nesta frase?
- 
- 5** Meteorito marciano que caiu na Antártida contém ‘ingrediente’ essencial à vida
- 
- 6** Covid-19: o estranho caso dos doentes que se sentem bem mas estão em risco de vida
- 
- 7** Covid-19: Há mais de 100 mil pessoas presas há meses em alto mar
- 
- 8** Quaresma: “Se não fosse o futebol, podia ser traficante, podia estar preso, podia estar morto”
- 
- 9** Covid-19: Coronavírus pode estar a perder força, avança estudo
- 
- 10** Pouco ficará como dantes. 23 especialistas explicam como vai mudar a nossa vida

---

**MAIS NA VISÃO**



## CULTURA

### **Covid-19: Festivais são permitidos com lugar marcado e reembolsos só em 2022**

Os festivais de música e espetáculos "de natureza análoga", até 30 de setembro, só serão permitidos com lugares marcados e regras de distanciamento, e o reembolso de bilhetes só em 2022



## IDEIAS

**"É preciso uma situação tão catastrófica como esta para nós termos mesmo de parar e de pensar em tudo o que estamos a fazer nas nossas vidas?"**

Entrevista à demógrafa Maria João Valente Rosa, que acaba de lançar o livro "Um Tempo Sem Idades"



**FLOR DE SAL**

## **Tudo aquilo que a pandemia nos tirou**

A pandemia roubou margem aos intervalos da vida, aqueles durante os quais nos dávamos ao luxo de desligar de tudo para ir ao cinema ou namorar às escondidas. Agora somos todos soldados de um exército que se vai armando o melhor que sabe, uns mais conscientes do que outros

Exame Informática



**MERCADOS**

**Falha crítica afetava todos os smartphones Samsung lançados desde**

**2014**

Tecnológica sul-coreana já criou e começou a disponibilizar atualização que corrige o problema de segurança. Piratas informáticos podiam ganhar acesso aos smartphones sem necessidade de interação das vítimas

Visão Saúde

**VISÃO SAÚDE**

## **Covid-19: "Pôr austeridade em cima da crise pandémica seria aprofundar a crise" - Costa**

O primeiro ministro reiterou hoje que colocar austeridade em cima da crise pandémica seria "aprofundar a crise", concluindo que ninguém tem saudades dos cortes



Se7e



**COMER E BEBER**

## **Vinhos para beber em casa: Herdade Aldeia de Cima Reserva Branco 2017**

O enólogo Jorge Alves sugere o Reserva Branco 2017 da Herdade Aldeia de Cima, no Alentejo, um vinho de aroma perfumado, de grande densidade e mineralidade. Veja o vídeo

Visão Saúde





**VISÃO SAÚDE**

## **Covid-19: Detetado em Espanha primeiro caso de gato infetado**

O primeiro gato infetado pelo coronavírus em Espanha, que é o sexto a nível mundial, foi detetado por técnicos do Centro de Investigação de Saúde Animal da região da Catalunha



**COVIDIÁRIO**

## **Os portugueses de olhos azuis e pele clara têm de ser proibidos de ir à praia**

Mais uma, entre várias, propostas a debater? Ou há limites para o que pode ser trazido à discussão?



## IGUALMENTE DESIGUAIS

### **Democracia: o pior dos sistemas... Tirando todos os outros**

Lembro-me de, quando o Chega nasceu, as pessoas se rirem e, com algum paternalismo, dizerem que não ia a lado nenhum. O problema não era aonde iria. O problema era aonde tinha chegado – aqui!

## ECONOMIA

### **Covid-19: As medidas da DGS para a reabertura de restaurantes e cafés**



Os restaurantes e os cafés quando reabrirem este mês devem privilegiar o uso das esplanadas e o serviço 'take away' e devem incentivar o agendamento prévio. Confira as orientações da DGS

## MUNDO

### **Com todas as atenções viradas para a Covid-19, casos de tuberculose podem aumentar 6,3 milhões**

O diagnóstico, o tratamento e a prevenção de tuberculose passaram para segundo plano por causa da urgência do coronavírus. E com isto podem vir a morrer mais 1,4 milhões de pessoas



## SOCIEDADE

### **Desconfinamento: Adeus, índice batom. Olá, efeito...verniz?**

Considerado o item de maquilhagem mais democrático de sempre, o batom vermelho acabou por se transformar num barómetro da economia. Mas agora, com o uso obrigatório de máscara, corre o risco de ser destronado como "arma" contra a crise

[MAIS ARTIGOS](#)

